

ELEMENTOS DE DECOLONIALIDADE NO JORNALISMO DE OLHAR PERIFÉRICO SOB A DIMENSÃO DAS TERRITORIALIDADES

ELEMENTS OF DECOLONIALITY IN JOURNALISM FROM A PERIPHERAL VIEW UNDER THE DIMENSION OF TERRITORIALITIES

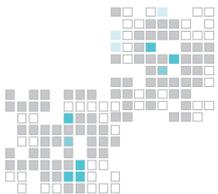
ELEMENTOS DE DECOLONIALIDAD EN EL PERIODISMO DE MIRADA PERIFÉRICA BAJO LA DIMENSIÓN DE LAS TERRITORIALIDADES

Edgard Patrício

■ É jornalista, professor do Curso de Jornalismo/Instituto de Cultura e Arte e do Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal do Ceará. Coordena o grupo de pesquisa PráxisJor - Práxis no Jornalismo (UFC). Coordena o Programa de Extensão Comunicação e Políticas Públicas. Pesquisas voltadas às transformações no Jornalismo, de forma ampla, e às iniciativas de jornalismo insurgente, de caráter mais específico.

■ *Es periodista, profesor del Curso de Periodismo / Instituto de Cultura y Arte y del Programa de Postgrado en Comunicación de la Universidad Federal de Ceará. Coordina el grupo de investigación PráxisJor - Praxis en Periodismo (UFC). Coordina el Programa de Extensión en Comunicación y Políticas Públicas. Investigación centrada en las transformaciones del Periodismo, de forma amplia, y en iniciativas de periodismo insurgente, de carácter más específico.*

■ E-mail: edgard@ufc.br



RESUMO

A intenção desse artigo é propor uma discussão sobre as relações prováveis entre Jornalismo e (de)colonialidade. Parte do entendimento de que i) o jornalismo dito 'convencional' estabelece pontes com a colonialidade; ii) identifica, naquilo que denomina de 'jornalismo de olhar periférico', elementos de contraposição ao jornalismo convencional; e iii) defende que alguns desses elementos podem ser compreendidos como possíveis estratégias de decolonialidade no jornalismo. Sustenta que as territorialidades podem ser um elemento-chave nessa discussão.

PALAVRAS-CHAVE: COMUNICAÇÃO; JORNALISMO DE OLHAR PERIFÉRICO; TERRITORIALIDADES; DECOLONIALIDADE.

ABSTRACT

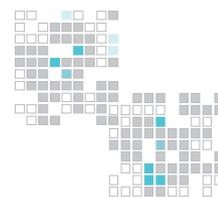
The aim of this article is to initiate a discussion on the possible relations between Journalism and (de)coloniality. It starts from the understanding that i) so-called 'conventional' journalism is intertwined with coloniality; ii) it identifies, in what is referred to as 'journalism from a peripheral perspective,' elements that challenge conventional journalism; and iii) argues that some of these elements can be seen as potential strategies for decoloniality in journalism. The article highlights the significance of territorialities as a key element in this discussion.

KEY WORDS: COMMUNICATION; JOURNALISM FROM A PERIPHERAL PERSPECTIVE; TERRITORIALITIES; DECOLONIALITY.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es proponer una discusión sobre las posibles relaciones entre el Periodismo y la (des)colonialidad. Parte del entendimiento de que i) el llamado periodismo 'convencional' está vinculado a la colonialidad; ii) identifica, en lo que se denomina 'periodismo desde una perspectiva periférica', elementos que desafían al periodismo convencional; y iii) argumenta que algunos de estos elementos pueden considerarse como posibles estrategias de decolonialidad en el periodismo. Se destaca la importancia de las territorialidades como un elemento clave en esta discusión.

PALABRAS CLAVE: PERIODISMO DESDE UNA MIRADA PERIFÉRICA; TERRITORIALIDADES; DECOLONIALIDAD.



1. Introdução

Quais as razões para que profissionais invistam num jornalismo que envereda por outros princípios e práticas de produção e que, em alguns momentos, se afasta da trajetória até aqui desenhada pelo jornalismo dito convencional ou *mainstream*? O que leva a questionarem a objetividade, a neutralidade, a imparcialidade como tributárias inequívocas do bom jornalismo? Por que fontes de informação antes relegadas a um papel secundário, ou inexistente, assumem lugar de destaque em suas narrativas? Que elementos embasam a crítica que fazem ao estatuto dos ‘dois lados’ que orienta por séculos as rotinas de trabalho do jornalismo? De que maneira o direcionamento à vivência e cobertura de determinados enclaves territoriais pode dar conta de realidades outras tão ‘mais’ complexas e que debocham da estratégia dos furos jornalísticos, afinal?

“Pra poder entrar na faculdade, eu achava que ia entrar rápido, porque eu era uma aluna aplicada, e tal, mas isso durou dez anos pra acontecer. Porque eu era a primeira mulher negra da família, a primeira mulher, na verdade, a conseguir entrar numa faculdade. Eu sempre fui movida por pautas sociais e aí eu comecei a analisar os jornais policiais. Eu via que a favela era retratada de uma forma estereotipada, e eu olhava pro público também, pra audiência desses jornais, e via que era a própria favela. Então eu olhava pra minha mãe e minhas tias, almoçando lá, estraçalhando suas coxas de frango... Enquanto estavam assistindo ao próprio genocídio negro!”

Peço licença e inspiração a Valéria, Luciane, Jonas, Rafael, Izabelly, Yanne, Luan, Vamille, Érika, Beatriz, Laércio, Giovana, Martihene, Gilberto, Cidicley, Géssika, Vanessa, Marcelo, Lucas Thayná, Lucas Maia, Raíssa e Bertrand. São 22 profissionais representantes de 16 iniciativas de jornalismo dos estados da Bahia, Ceará, Pernambuco e Alagoas que me concederam

a generosidade de um diálogo aberto sobre seus sentimentos, percepções, suas utopias, satisfações, seus desafios, expectativas, nos correr em busca de uma produção jornalística que anseia a transformação social. Minha tentativa, aqui, é de alinhar alguns momentos de nossas quatro rodas de conversa que possam estabelecer pontos de conexão e nexos entre as ideias trocadas.

A ideia é que as falas corram frouxas, incorporando ora a revolta, ora o regozijo, e todos os sentimentos intermediários que preenchem a paleta das sensações de quem produz um jornalismo posicionado, de causas, das quebradas, das margens, e que eu, numa primeira tentativa de propor articulações, venho chamando de ‘jornalismo de olhar periférico’. Quão desafiador é reduzir um complexo e fervilhante contexto de múltiplas e diversas iniciativas e processos a um conceito absurdamente estanque! Até porque, o periférico, não é um só.

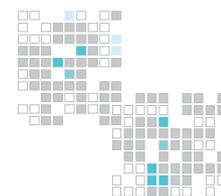
“O território onde o coletivo atua é a periferia da periferia!”

Apartir do diálogo com iniciativas de jornalismo de olhar periférico que atuam no Nordeste do Brasil, esse artigo busca identificar como as territorialidades atravessam a produção desses coletivos. Especificando, i) como incorporam as territorialidades à produção do jornalismo, ii) instauram outras bases e procedimentos para a produção jornalística e iii) lançam elementos que insinuam princípios e práticas para uma dimensão decolonial na produção jornalística.

2. Procedimentos metodológicos¹

As estratégias para se alcançar o diálogo comunicante nesse estudo passam por o que Medina (2014) nomeia como ‘estudos e

¹ Um agradecimento todo especial à Mara Rovida, amiga das agruras e alegrias no âmbito dos contextos e sobre o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas que proponham outros parâmetros de diálogo com as realidades envolvidas.



aprofundamentos dos saberes plurais.’ “(...) por meio de uma racionalidade complexa capaz de lidar com a coleta e análise dos dados, o pesquisador se vale de metodologias tão consistentes quanto inventivas.” (p. 17); e ‘experimentação no processo de construção do trabalho científico e das narrativas da contemporaneidade’. “descobrem-se momentos de intuição criativa capazes de dar marcas de autoria cultural e individual à pesquisa e/ou ao exercício profissional.” (idem)

“Eu acho muito importante essa troca, né? E como falou, infelizmente, muito infelizmente, a academia ainda é um lugar extremamente embranquecido.”

Sobretudo, a busca por percepção da realidade em movimento, com marcas de celebração, como pontuam Martins e Rosa (2021, p. 8). “(...) restaurar a complexidade do mundo a partir de uma crítica ao pensamento moderno/colonial e seus sistemas de categorias universais, hierarquizadas e homogeneizadoras, para recusar o lugar de imobilidade dos sujeitos categorizados pelo projeto colonial.” E não se consegue isso sem a perspectiva de uma visão complexa, sensibilidade intuitiva e comportamento solidário perante a circunstância humana (Medina, 2014), orientada à narrativa da ação social. “(...) olhar para os textos para ‘sonhar’ com um mundo de justiça e bem-estar e encontrar, na imaginação, o espaço de memória e possibilidades.” (Martins, Rosa, 2021, p. 21)

“Então, acho muito importante, assim, eu acho que essas conversas são realmente formadoras, e que venha mais oportunidade pra gente ter essa troca, né? Saber que essas experiências vão ser compartilhadas pra outras pessoas. Sim, com certeza. De outras classes. Isso, de outras classes é que é que dá esse gás, esse ânimo pra participar ainda mais dessas, diria, dessas reuniões, né?”

Para esse diálogo comunicante, sobre as relações entre jornalismo de olhar periférico e princípios

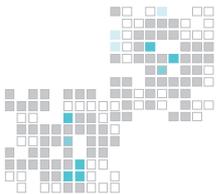
e práticas da decolonialidade, planejamos ‘rodas de conversa’ com iniciativas de jornalismo a princípio identificadas com esse perfil, atuantes no Nordeste do Brasil. Essas andanças não são novidade pra mim (Patrício, 2023; Patrício, 2020; Autor; Autor 1, 2020; Autor; Autor 2, 2019). A ideia foi perceber essas aproximações a partir das narrativas construídas sobre as intencionalidades que embasam as iniciativas e os processos de produção do jornalismo que desenvolvem.

A opção pelas rodas de conversa, ao invés do contato individual com cada iniciativa, embute uma estratégia de minorar uma ‘justaposição’ de discursos de fontes de pesquisas diferentes, depois de realizadas entrevistas individualizadas, e na interpretação das falas. Uma forma, também, de enriquecer a discussão, na perspectiva de possíveis diálogos ao mesmo tempo da reflexão entre as representações das próprias iniciativas, o que passa a valorizar a construção coletiva e colaborativa do conhecimento.

“E hoje eu sinto uma coisa que, porra, dá um tesão, que quero discutir, e acho que sempre quando a gente senta e conversa um do outro, em troca, caramba, pô! Falou coisa aqui, tá, vai ficar na minha cabeça. E tem uma coisa também que, assim, às vezes eu acho que acontece comigo. Às vezes tô pensando nelas, será que isso faz sentido? E quando as outras pessoas, falando também, dizem assim, porra, não só faz sentido como é mais profundo do que eu tenho pensado, entendeu? É um negócio meio que vocês, caramba, então, eu acho esse momento incrível!”

“Assim, como essa troca, esse diálogo, ele fortalece dos dois lados. Você traz pra gente um conhecimento que a gente não tem, e que o Estado, muitas vezes, nega pra gente, que você conseguiu alcançar, né? E a gente traz a nossa experiência pra você, isso vai quebrando protocolos, né? Então, que haja mais pessoas assim.”

De abril a junho de 2022, realizamos quatro rodas de conversa.



“Porque, tipo, isso que é pra passar aqui pra gente é muito nós uma pessoa branca, na sua posição branca, tal e tipo, ó, a gente quer, esse lado escuta. Mas quando é, uma coisa que eu fico muito na minha cabeça, quando é ao contrário, quando a gente precisa, a gente não tem essa, essa, esse espaço aqui, tá ligado? Se eu quisesse reunir uma galera branca, uma galera estudada e, aí, comé que cê vê pra mim? Tá ligado? Então, tipo, essa ideia, tipo, tô dando mais, por assim, um toque mesmo de você se ligar, assim, tipo, de entender o lugar, tá ligado? E porque eu particularmente já percebo muitas vezes tipo de gente que vem pra escutar e dali tira seu projetozinho e, tipo, tá ligado? Tu tem que ter esse lugar, tá ligado? Tipo de você, acho, que se colocar no lugar, tipo, do outro, sabe? Mas é isso, eu tenho só uma certa preocupação também com esse desenrolado que vai ser feito daqui pra frente, tá ligado? Do seu âmbito se disponibilize a vir aqui. E a gente espera também que isso seja cíclico mais pra frente, tá ligado? Tem uma coisa que a gente fala assim ‘ah, universidade pras comunidades, não sei o que mais’. Por exemplo, se a galera do Arruda, do canal do Arruda quisesse agora, assim, queria juntar os professores de Comunicação. Pra ouvir a gente da comunidade, tem dois nomes que a gente vai lá falar sobre a comunidade. Até que ponto cê conseguiria mobilizar seis, sete professores pra ouvir ao contrário?”

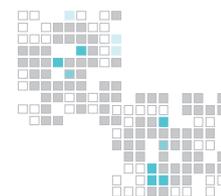
Algumas pessoas podem se perguntar sobre o porquê das falas da(o)s participantes das rodas de conversa não trazerem a identificação das pessoas que falam ou das organizações que representam. Essa foi mais uma decisão proposital do autor. Presume-se que a decolonialidade lança desafios aos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa acadêmica. Alicerçada em princípios coloniais, a ciência moderna encoraja uma ação individualizada e solitária da(o) pesquisador(a). Com a realização das rodas de conversa, o conhecimento torna-se

fluido e poroso às constantes investidas de quem se posiciona. Ocorre, assim, a possibilidade da construção de outros saberes a partir da própria reflexão em processo. De quem é esse conhecimento?! Presume-se de toda(o)s que estejam participando da roda de conversa. Daí seu caráter coletivo, tornando-se incoerente sua nomeação individualizada.

Certamente algumas dimensões conceituais poderiam ser mais exploradas ao longo do texto. Novamente fez-se uma opção. Em nossa compreensão, os conceitos são carregados de sentido quando se encontram com saberes de experiência que revelam práticas transformadoras, prenhes, ao mesmo tempo, de nuances conceituais. Nesse caso, optamos por um movimento em que as falas de quem participou das rodas de conversa ocupassem mais espaços que as discussões conceituais. Nisso também transparece um viés reparatório, quando lembramos que a ciência moderna, de feições coloniais, quase sempre tratou as manifestações de seus ‘objetos’ de pesquisa como meros ‘subsídios’ para alicerçar suas ‘verdades’ elaboradas de antemão.

3. De que o jornalismo é caudatário?

Inspirados no Grupo de Estudos Subalternos, intelectuais latino-americanos e americanistas que viviam nos Estados Unidos lançam, em 1992, o Grupo Latino-Americano dos Estudos Subalternos. O manifesto do grupo sai em 1993, em inglês. Apenas em 1998, é feita a primeira tradução para o espanhol, com o título ‘Manifesto Inaugural del Grupo Latinoamericano de Estudios Subalternos’. Os estudos pós-coloniais e a América Latina tinham se encontrado. Mas não tardou muito para que uma primeira cisão no grupo viesse a acontecer. Mignolo (1998), além de fazer críticas ao fato dos estudos pós-coloniais e subalternos não romperem com autores eurocêntricos, enfatiza a especificidade



da América Latina, uma feita que a “história do continente para o desenvolvimento do capitalismo mundial fora diferenciada, sendo a primeira a sofrer a violência do esquema colonial/imperial moderno” (Ballestrin, 2013, p. 95-96). Além da própria proximidade com os Estados Unidos, que sugeria outras relações pós-colonialistas.

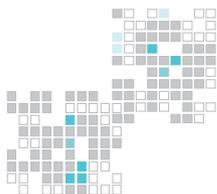
A partir das críticas de Mignolo, o Grupo Latino-Americano dos Estudos Subalternos se divide. Em 1998, acontecem as primeiras articulações e encontros entre os membros que seriam responsáveis pela formação do Grupo Modernidade/Colonialidade. Observe-se que a novidade fica por conta da percepção de atrelamento vinculante entre o sistema de exploração mercantil colonial, e sua cultura resultante (Colonialidade), à tentativa de uma episteme de compreensão do mundo (Modernidade). Não existiria modernidade sem a colonialidade! Três participantes do grupo já vinham numa trajetória de produções anteriores que favoreceram a base teórico-conceitual do grupo. Dussel, e a Filosofia da Libertação (1977); Quijano, e a Teoria da Dependência (1971); e Wallerstein, e a Teoria do Sistema-Mundo (1974). O conceito agregador do grupo é pensado por Quijano (1989), e se refere à ‘colonialidade do poder’, percebendo que “as relações de colonialidade nas esferas econômica e política não findaram com a destruição do colonialismo” (Ballestrin, 2013, p. 99).

Quais seriam as bases da episteme moderna?

1. A civilização moderna autodescreve-se como mais desenvolvida e superior (o que significa sustentar inconscientemente uma posição eurocêntrica). 2. A superioridade obriga a desenvolver os mais primitivos, bárbaros, rudes, como exigência moral. 3. O caminho de tal processo educativo de desenvolvimento deve ser aquele seguido pela Europa (e, de fato, um desenvolvimento unilinear e à europeia, o que

determina, novamente de modo inconsciente, a ‘falácia desenvolvimentista’). 4. Como o bárbaro se opõe ao processo civilizador, a práxis moderna deve exercer em último caso a violência, se necessário for, para destruir os obstáculos dessa modernização (a guerra justa colonial). 5. Esta dominação produz vítimas (de muitas e variadas maneiras), violência que é interpretada como um ato inevitável, e com o sentido quase ritual de sacrifício; o herói civilizador reveste as suas próprias vítimas da condição de serem holocaustos de um sacrifício salvador (o “índio” colonizado, o escravo africano, a mulher, a destruição ecológica...). 6. Para o moderno, o bárbaro tem uma ‘culpa’ (por opor-se ao processo civilizador) que permite à ‘Modernidade’ apresentar-se não apenas como inocente, mas como ‘emancipadora’ dessa ‘culpa’ de suas próprias vítimas. 7. Por último, e pelo caráter ‘civilizatório’ da ‘Modernidade’, interpretam-se como inevitáveis os sofrimentos ou sacrifícios (os custos) da ‘modernização’ dos outros povos ‘atrasados’ (imaturos), das outras raças escravizáveis, do outro sexo por ser frágil... (Dussel, 2000, p. 49 apud Ballestrin, 2013, p. 102). Para Dussel, a América não somente foi a primeira periferia do sistema-mundo como também a primeira oportunidade de acumulação primitiva do capital (Castro-Gomez, apud Ballestrin, 2013, p. 102-103)

Em toda a discussão do Grupo Modernidade/Colonialidade sobre a América Latina, uma lacuna é observada. Seus estudos não alcançam o Brasil. Embora tenha sofrido o mesmo processo, a partir de Portugal, que o resto da América Latina (a partir da Espanha), o país não merece atenção. Seria uma oportunidade de se estabelecer as mesmas especificidades que o grupo viu da América Latina em relação ao Sul asiático –os processos coloniais têm suas especificidades quando tomadas diferentes territorialidades. Dentre as recapitulações que se faz da história



do grupo, não há a participação sequer de brasileira(o)s. O grupo analisa especificamente a realidade da América hispânica, o que deixa brechas na compreensão dos subimperialismos na região, exceção feita à relação com os Estados Unidos.

Outra ausência observada, na atuação do grupo, é a discussão sobre como a comunicação, de forma mais ampla, e o jornalismo, de forma mais específica, se entrelaçam a essa lógica colonialista – não havia nenhum comunicólogo em sua composição. Partindo-se do viés ideológico que esse entrelaçamento predispõe, e considerando-se o papel que tanto a comunicação como o jornalismo desenvolvem nos processos de mediação social, a discussão demonstra ser necessária.

O tripé que sustenta a lógica colonial se estrutura a partir da hierarquia dos saberes, em torno da ciência positiva (colonialidade do saber); o que levou à estratificação eurocêntrica dos povos (colonialidade do ser); definindo um projeto civilizatório (colonialidade do poder) (Torrico, 2018). A comunicação, enquanto área de conhecimento, epistemicamente toma emprestado para si esse mesmo tripé para definir-se. As linhas temáticas dão prioridade a questões próprias de seu contexto de origem. Nessa perspectiva, “la comunicación se conceptúa como el proceso de transmisión de contenidos informativos tecnológicamente mediado que cumple funciones de control social a través del logro de determinados efectos en receptores masivos y pasivos” (Torrico, 2018, p. 76). Daí a necessidade que Torrico (2018) defende de um processo de ‘descolonizar’ a comunicação latino-americana. A ideia de um ‘jornalismo de olhar periférico’ se assenta numa contraposição a esse tripé, refundando as bases da produção jornalística. Como base de sua atuação, a noção de território é fundamental para compreender o que propõe esse outro jornalismo.

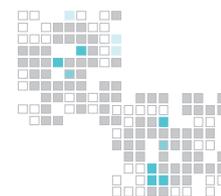
4. Territorialidades e jornalismo

“Não existe UM jornalismo independente, né? Existem várias experiências independentes. Justamente pra se dar independência é que ele é múltiplo, né?”

Ao estudar a identidade jornalística ‘contemporânea’ acabamos por entender “o que eles fazem, como eles fazem e que significado esse fazer possui para a sociedade em que vivemos” (Lopes, 2013, p. 17). Desse modo, nos parece apropriado equilibrar a análise ora no ambiente de processos de produção do jornalismo, ora no discurso produzido e assumido por esses jornalistas, que podem dar conta dessas transformações e seus reflexos em sua própria identidade (Charron e De Boville, 2016). O fato é que as transformações no jornalismo são perceptíveis. Percebendo a identidade como um processo de pertencimento a uma comunidade de ideias e princípios (Bauman, 2005), permite lembrar que essa compreensão se aproxima da noção de ‘territorialidade’.

A dimensão de territorialidades no jornalismo se insere num contexto mais amplo. A oposição entre centros e periferias aloca o debate em perspectivas históricas que dão conta de uma discussão sobre como essas territorialidades periféricas foram silenciadas; como as realidades foram sendo homogeneizadas na perspectiva de determinados interesses, de um controle social. Na base do silenciamento, construções históricas relacionadas. Um exemplo que não podemos desconhecer é a identificação do jornalismo como atividade umbilicalmente atrelada ao capitalismo.

“Olha, a gente vê aqui uma matéria produzida pelo Afoitas a gente sabe que não foi produzida pela grande mídia, por quê? O que que a gente, o que que tem de diferente lá? Eu acho que essa questão da imparcialidade, né? A gente faz questão de nomear, dar nome as coisas. Quando for racismo a gente fala que é racismo, e quando



houver violência, a gente não ter medo de nomear as pessoas que tão violando as coisas. E poder usar, eu acho, que muitos poder usar o ‘nós’ assim, sabe?”

A noção de território como espaço de uso (Raffestin, 1993; Santos, 2006; Massey, 2008) infere dinâmica às relações sociais. Nesse sentido, o território é múltiplo, diverso e complexo (Haesbaert, 2004). Por conseguinte, “As territorialidades abarcam dinâmicas que implicam as relações sociais, políticas, econômicas e culturais e que trazem em seu cerne a questão das formas de organização da vida em comum, atravessadas pelo poder, pelo controle, pelas ritualizações, pela linguagem e a técnica (...)” (Zanetti; Reis, 2017, p. 22). Para uma distinção ainda mais evidente, “Consideramos territórios como acontecimentos que resistem por um tempo, aderindo a substratos espaciais que podem ser tangíveis ou não, enquanto que territorialidades se referem aos processos, ordens e valores que os sustentam” (Idem, p. 24), “gerando sentimentos de pertença e criando a noção do que é familiar, próprio, próximo” (Idem, p. 25). Pertença, proximidade, compartilhamento, ideias, valores são palavras-chave lembradas quando nos referimos ora às identidades, ora às territorialidades.

“Na editoria eu consigo linkar coisas que acontecem aqui, porque a gente sempre vê, ah, derretimento das geleiras, eventos estranhos em outros lugares e não olha muito pro que tá acontecendo aqui. Então, por exemplo, essas chuvas que tiveram em Várzea Alegre, que foram níveis absurdos. Eu reporteii isso, mas de uma forma crítica, né? Colocando já como resultado das mudanças climáticas, porque os veículos abordam isso, mas só de alguns dados, não tem esse essa visão assim, esse olhar.”

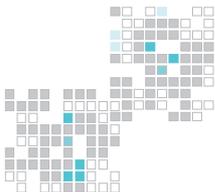
Com a mediação do espaço virtual nessas dinâmicas, passou-se a considerar a possibilidade de múltiplas territorialidades, dado que a

virtualidade pressupõe a emergência de múltiplos territórios. O espaço físico não consegue ser mais o único palco onde se desenrolam as relações sociais. Nessa multiterritorialidade, “prevalecem elementos que provêm da linguagem, do signo, dos discursos, da esfera dos agenciamentos expressivos, produzindo conexões que criam processos de identificação e assim constituem territórios” (Zanetti; Reis, 2017, p. 28). Entre esses processos, que se vinculam com as territorialidades, estaria a comunicação, e, de forma mais específica, o jornalismo. Um dos aspectos perceptíveis desses movimentos estaria na ‘mídiação’ (Sodré, 2014), em que o jornalismo reflete e refrata a dinâmica social. Ou seja, o jornalismo propicia identificação (identidades) à constituição dos territórios. Não há porque se fugir da inferência de que transformações ocorridas no território, por sua vez, gerem impactos no jornalismo, a partir da compreensão da dinâmica da territorialidade.

“A galera só vem, só vai lá falar desgraça, que não sei o que, e tem muita gente massa, tem muita gente que faz muita coisa massa, tem gente que sonha, tem gente que... sabe? Dar algum exemplo, uma última matéria que a gente fez. Era um menino que trabalhava, trabalhava comigo, vendendo ovo e sonhava em ser piloto de avião. Sacaram essa matéria e, tipo, a gente, pô, tava com ele lá vamos fazer uma matéria e tal e gravamos. E a matéria o Brasil todo conhece, tá, a história dele, e hoje, graças a Deus, muita gente apareceu pra ajudar ele e tal.”

Daí, soam razoáveis alguns questionamentos. Sendo múltiplas e diversas, como as territorialidades orientam as transformações no jornalismo? Tomando o jornalismo como dinâmica de produção de sentidos que reflete e refrata as relações sociais, como suas territorialidades vinculantes convivem com a pretensa natureza de sua universalidade?

“Você começa a entender que a apuração que



é feita pelo jornalismo independente é bem diferente daquela do jornalismo convencional, né? Então quando você vai noticiar as coisas que acontecem na favela, que pode ser sim um problema geral, e que seja noticiado por todos, até por jornalismo convencional, mas aí quando você pega essa notícia que é veiculada por um jornalismo, um veículo de comunicação independente, você vê que essa matéria era mais apurada, né? Por conta da proximidade que esse veículo tem com a notícia?”

Só que os espaços periféricos, e territorialidades, não são algo homogêneo. Ao produzir um jornalismo condicionado por essas territorialidades, essas iniciativas emprestam à produção jornalística características diversas. Essas peculiaridades se apresentam ao longo de toda a cadeia de produção. E mexem em dimensões caras ao jornalismo de olhar periférico. Isso acontece na própria estruturação dessas iniciativas, em que os modelos de gestão se alternam, e estabelecem especificidades à atuação de cada organização, o que não deixa de respingar nas rotinas de trabalho. A defesa de um jornalismo ‘posicionado’ também é um fator de diversidade.

“A gente decidiu se constituir enquanto cooperativa, né? Porque aí a gente entrava numa relação que, institucionalmente, não existiria uma relação hierárquica e a gente teria uma possibilidade até mais democrática, assim, de fazer as discussões, de tomar as decisões, enfim...”

“A minha ideia é contratar cada vez mais mulheres, né? E eu sempre falo, eu quero abrir a oportunidade pra todas as mulheres, mulheres indígenas, mulheres trans, mulheres pretas, eu quero isso, eu quero essa diversidade.”

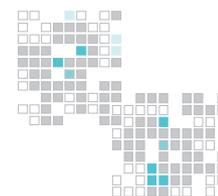
O estabelecimento de parcerias, no funcionamento das iniciativas, também abre margem para as especificidades de atuação, e consequentes repercussões nas rotinas de trabalho e nos conteúdos produzidos. As realidades de apoios financeiros, vinculados a essas

territorialidades, agenciam outros caminhos, mesmo que, em alguns momentos, isso provoque elementos, a princípio, de contradição, diante das críticas que historicamente o jornalismo independente fez do monopólio das mídias, do atrelamento às verbas governamentais e, hoje, à atuação das plataformas digitais. Também entram em cena as multiterritorialidades, possibilitadas pelos espaços virtuais.

“No caso do Google e das grandes empresas, que a gente não sabe exatamente quais são os interesses por trás disso, é muito mais difícil dizer não. E geralmente, inclusive, eles vêm com muito dinheiro. Então, assim, é hipocrisia dizer não. A gente dizer que não tem interesse e depois ir lá aceitar. Hipocrisia. Então, é realmente uma situação difícil e que tem que ser analisado em um momento.”

Mesmo a crítica ao jornalismo dito convencional, ou *mainstream*, abre espaço para uma relação mais flexível, até de proximidade. Se, por um lado, esse posicionamento poderia soar como uma incoerência frente à própria razão de ser das iniciativas de jornalismo de olhar periférico, por outro estabelece novos parâmetros de diálogo, denotando uma compreensão assertiva sobre o espaço ainda ocupado pelo jornalismo convencional, que teima em estabelecer uma contraposição a outros modelos de jornalismo a partir da oposição do ‘profissional’ à sua atuação, como insígnia de distinção.

“A gente sempre acaba buscando essa ideia de rivalidade e dualidade. É bom ou é ruim? Eu acho que é um cenário complexo. Por exemplo, até pegando esse histórico de invisibilidade, de dificuldades, sobretudo de financiamento que as mídias negras vivem. Quando você consegue uma parceria com um portal UOL, por exemplo, colocado como hegemônica, grande mídia, você tem a possibilidade de chegar a mais pessoas, por exemplo. É uma possibilidade de expandir e ter de fato estrutura para seguir seu trabalho. Por outro



lado, me soa... Vejo em alguns veículos, uma terceirização da responsabilidade. Então, tipo, eu não tenho feito um jornalismo antirracista, vou contratar uma agência para fazer para mim e eles fazem e tá pronto, tá, eu vou colocar aqui, já tá de boa, Então, não vou me comprometer a, por exemplo, mudar a minha redação, mudar a cor das minhas ações e muito mais as redações, continuar com a maior parte esmagadora de gente branca. E não vou me comprometer a fazer jornalismo antirracista, porque ter uma empresa fazendo pra mim. Acho que sim. Pode dialogar. Eu sempre desconfio, eu desconfio, mas acho que é um processo muito mais complexo do que a rivalidade, do que pode e não pode.”

A atuação em territórios periféricos abre margem para outras dinâmicas da produção do jornalismo. Isso pode ser observado na relação com as audiências/fontes. As relações de pertencimento construídas no âmbito das territorialidades demandam olhares diferenciados, saberes diferenciados, momentos diferenciados quando jornalistas e audiências/fontes convivem em mesmos ambientes. Abre-se, inclusive, a possibilidade de se estabelecer uma relação mais explícita na dimensão do jornalismo como forma de construção de conhecimento (Genro Filho, 1987).

“Então, eu começo a contar a minha história que é parecida com a de Carol em algumas coisas, né? As mortes que eu assisti na frente da minha casa, os primos que eu perdi, os amigos de infância... E depois Carol vai se identificando comigo, dizendo, eu também passei por isso. E daí a gente vai conversando, dialogando e daqui a pouco ela tá entendendo. E com isso a gente vai levando conhecimento, né? Através dessa notícia aí, que a gente informa, mas dessa troca mesmo de conversa. Porque até a fonte, ela realmente, assim, ela se sente importante ocupando aquele espaço. E ela aprende a ter essa consciência. Ela passa por uma situação de violência, de falta de

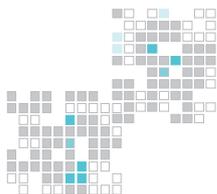
respeito no ambiente de trabalho, ela já tem essa criticidade pra apontar, eu sofri isso com a minha patroa, que fez isso, isso e isso, ela já veio contar isso pra gente e foi por conta do despertamento que a gente levou, realmente, entendeu? Então, eu acho que a gente tá no caminho certo.”

Essas relações de proximidade, desenvolvidas no âmbito das territorialidades, acabam por construir sentimentos caros ao jornalismo, enquanto princípios acentuados como definidores de sua prática, e que incidem diretamente na cultura profissional do campo. Não é à toa que as empresas de jornalismo convencional se apegam a resquícios de sua outrora credibilidade, que vem se desmilinguindo, dia após dia, face aos seus interesses, muitas vezes distantes do interesse público. O jornalismo de olhar periférico, ao ser vivido no âmbito das territorialidades, dá lição de como esses princípios podem ser alcançados, de forma orgânica e duradoura.

“A gente teve muita coisa que a gente tinha que comemorar, sabe? Principalmente o reconhecimento mesmo dos lugares que a gente vai, de que olha, pode falar com. Eu acho que o maior reconhecimento pra gente é chegar em qualquer lugar assim, em qualquer espaço assim de pessoas que tão tendo direitos violados e essas pessoas dizerem ‘ó, pode falar tranquilamente pra pro pessoal ali que eles são da gente’. Isso daí pra gente é realmente é o, é o maior, maior vitória, assim, porque era isso que a gente queria.”

5. Algumas considerações iniciais

As realidades designam a matéria-prima por excelência do jornalismo! Ele, ao mesmo tempo, constitui e é constituinte dessas realidades. É impensável se imaginar que mudanças que venham a sofrer essas realidades não possam interferir no jornalismo. O jornalismo passa por mudanças. Mas essas mudanças são condicionadas pelo tempo e território em que esse jornalismo atua.



Está posto que as territorialidades emprestam características diversas à produção do jornalismo. E isso afasta a possibilidade de um modelo único de jornalismo de olhar periférico, o que dificulta possíveis categorizações à sua compreensão. Essa dificuldade, ao mesmo tempo, estabelece uma crítica possível à orientação, de aceção colonialista, que percebe o jornalismo de modelo unificado como o possível e defensável na tarefa de dar a conhecer as realidades. O jornalismo de olhar periférico estabelece outros parâmetros de produção, e isso condiciona seu afastamento do jornalismo convencional, na perspectiva das próprias condições de (re)existência. E chama atenção para uma eventual discussão em seus modelos de expansão e ganhos de escala.

“É um ecossistema onde você não tem essa competição nesse nível, todo mundo quando se conhece, às vezes assim, pô vamos fazer alguma coisa junto, vamos produzir conteúdo junto, né? E esse produzir junto é interessante, porque ele também tensiona, né? Ele exige construir uma síntese a partir de experiências diferentes. Então, assim, tem uma riqueza importante aí também. É muito importante que a gente também não reproduza na mídia independente o mesmo modelo da mídia tradicional, econômico inclusive, né? Onde você tem cinco, seis veículos cabeça de rede no eixo do São Paulo, grandes e os grupos regionais atrelados a esses grupos ligados a esses grupos, respondendo a esses grupo.”

As marcas coloniais do jornalismo convencional são percebidas pelas iniciativas de jornalismo de olhar periférico.

“Eu penso que sobrou pra São Paulo ser a representante da Europa, né? E a gente continua sendo mais ignorantes. E é isso na visão do capital. Aí eu tava comentando que um dia o Recife desabando chuva, Alagoas também, e aí tava lá vendo a CNN e chamaram o meteorologista da USP pra explicar. Não tem universidade aqui... Aí tem que buscar um cara da, um cara nobre,

um cara branco, da metrópole pra poder explicar o Nordeste.”

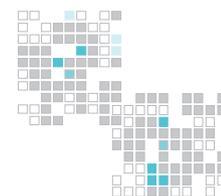
Às vezes escancaradas, às vezes sutis, a compreensão dessas marcas colonialistas no jornalismo convencional impõem outras premissas de ser a partir do jornalismo de olhar periférico.

“É tipo a gente lançar estratégias de sobrevivência e de ascensão, assim, ascensão discursiva, ascensão de imagens, pra gente poder se ver, da gente poder se retratar, da gente poder se reconhecer e de uma forma mais humanizada mesmo, né? Da questão da humanização dos nossos corpos, assim, que eu acho que é a coisa mais importante pra nós, que é justamente a gente se ver como humano e não como coisa, que é algo que a gente foi acostumado e que foi algo que a colonização fez com a gente, né? Da gente ser visto como coisa e não como pessoa moída, de sonho, pessoa que deve ser retratada de uma maneira humanizada, que tem direito de falar e de ser ouvida também. Então, eu acho que o termo ‘decolonialidade’ é uma coisa, é algo que a academia conseguiu colocar. Colocar o que a gente vive todo dia assim, sabe?”

E que passam por relações estabelecidas nas próprias dinâmicas sociais, que respingam na cultura profissional do jornalismo.

“No meu caso, por exemplo, né? Como eu disse, ainda não tem nenhuma mulher na minha família que tem nível superior, e eu sei que, tipo, se eu chegar em um determinado ambiente com uma prima minha que é empregada doméstica, que não tem um linguajar tão culto, eu vou ser melhor tratada do que ela. Mas se eu tiver sozinha também com uma amiga minha branca jornalista, que já aconteceu, eu vou ser a estagiária dela, entendeu? Então essas coisinhas a gente já vive. E, pra mim, esse nome bonito aí [decolonialidade] é o que a gente vive, né?”

Esse outro olhar periférico do jornalismo traz a realidade das margens, das bordas, das



quebradas, mas sob a perspectiva de quem vive esse real, a(o) subalternizada(o), a(o) oprimida(o), a(o) precarizada(o). Esse passa a ter uma história, alicerçada num contexto de negação de direitos. E passa a ter cara e nome. E, quando se divisam os rostos, atrelados às histórias, aparecem mais que a(o)s favelada(o) s. Aparece a(o) preta(o) desempregada(o), a mulher violentada, a(o) migrante negada(o), a criança assediada, a(o) indígena solapada(o), a(o) homossexual descartável... A mais nova face

do jornalismo de olhar periférico traz marcas fortes de decolonialidade!

Mas, como essas marcas caminham na direção de reorientar rotinas de trabalho na produção jornalística? Como abordagens e práticas do fazer jornalístico são alteradas pela incorporação de marcas decoloniais? Ou, como o jornalismo de olhar periférico propõe a reinvenção da cultura profissional do jornalismo? Outros diálogos à vista!

Referências

- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. Revista Brasileira de Ciência Política, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CHARRON, Jean; DE BONVILLE, Jean. Natureza e transformação do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2016.
- GENRO FILHO, Adelmo. O Segredo da Pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.
- HAESBERT, R. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” a multi-territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- LOPES, Fernanda Lima. Ser jornalista no Brasil: identidade profissional e formação acadêmica. São Paulo: Paulus, 2013.
- MARTINS, Vera; ROSA, Rosane. Ao Sul das referências - Reflexões decoloniais para desierarquizar os processos de produção de conhecimento. COMUNICAÇÃO MÍDIA CONSUMO, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 16-35, jan./abr. 2021.
- MASSEY, Doreen. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MEDINA, C. Narrativas da contemporaneidade: epistemologia do diálogo social. Tríade: Comunicação, Cultura E Mídia, 2(4), 2014. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/triade/article/view/2030>
- MIGNOLO, Walter. Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina, em CASTRO-GÓMEZ, Santiago & MENDIETA, Eduardo (coords.). Teorías sin disciplina: latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate. México: Miguel Ángel Porrúa, 1998. PATRÍCIO, Edgard. Territorialidade, financiamento e jornalismo independente no Nordeste do Brasil. Estudos de Jornalismo e Mídia, v. 19, p. 189-201, 2023.
- PATRÍCIO, Edgard. Jornalismo e pandemia - Impactos da Covid-19 nas rotinas de produção do jornalismo independente. Pauta Geral - Estudos em Jornalismo, v. 7, p. 1-18, 2020.
- PATRÍCIO, Edgard; LIMA, R. C. B. Elementos de identidade em iniciativas de jornalismo independente. Revista Extraprensa, v. 13, p. 217-231, 2020.
- PATRÍCIO, Edgard; SILVA, Naiana . Territorialidade e ethos em iniciativas de jornalismo independente do Nordeste do Brasil. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, v. 15, p. 183-195, 2019.
- QUIJANO, Anibal. Identidad y Utopía en América Latina. Quito: Ediciones El Conejo, 1989.
- RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo. Para uma nova cultura política. São Paulo: Editora Cortez, 2006.
- SODRÉ, Muniz. A ciência do comum: notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- TORRICO VILLANUEVA, Erick R. La comunicación decolonial, perspectiva in/surgente. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación. v. 15, n. 28, 2018.
- ZANETTI, Daniela; REIS, Ruth (Org.). Comunicação e territorialidades: poder e cultura, redes e mídias. 1. ed. Vitória-ES, Edufes, 2017.

Recebido em: 15/03/2023. Aceito em: 05/06/2023

